



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12713 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT04 - Didática

DIDÁTICAS INSURGENTES DO COTIDIANO ESCOLAR: A DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA NAS TEIAS DAS APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS

Andre Ricardo Lucas Vieira - IFSertãoPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano

DIDÁTICAS INSURGENTES DO COTIDIANO ESCOLAR: A DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA NAS TEIAS DAS APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS

Resumo: O trabalho objetivou compreender como as didáticas insurgentes, tecidas nas aprendizagens experienciais do ensino de matemática, emergem narrativamente dos modos que cada professor habita a profissão docente. O estudo é de natureza qualitativa por acreditar que o sujeito e a realidade formativa são concebidos como indissociáveis. Ancorou-se na abordagem da pesquisa narrativa caracterizada por se tratar de um processo compreensivo/interpretativo das narrativas/experiências de seis colaboradores que atuam como professores de matemática no Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. O dispositivo de pesquisa foi o ateliê reflexivo, desenvolvido em seis sessões. Os resultados permitem concluir que as aprendizagens experienciais da docência em matemática tecem-se nas micro relações formativas que os professores desenvolvem por habitar a profissão docente no cotidiano escolar, produzindo saberes e experiências do vivido, logo produzindo o que denominamos de didáticas insurgentes. O trabalho revelou, ainda, que há preocupação dos professores com as condições de aprender dos estudantes e um ensino que esteja articulado ao cotidiano e às necessidades formativas dos alunos.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa, Docência em matemática, Aprendizagens experienciais.

Introdução

Partimos da problemática de que o ensino de matemática não é transmissivo, estruturado a partir de um saber aprendido que passa a ser ensinado. Com isso queremos dizer que ensinar, de fato, não é transferir conhecimento, porque esse conhecimento é um saber que pode não estar operacionalizado na própria relação de ensino, pois, para considerar o aluno protagonista, o professor protagonista, alteridade de um e de outro, é necessário entender que essa relação se dá em acontecimentos que estão no polo da subjetividade. Segundo Silva (2021), são as nossas didáticas insurgentes que se reverberam em aprendizagens experienciais que levamos em consideração a partir do cotidiano escolar, nas vivências dos estudantes e nas acontecimentos da escola. É importante frisar que para a escrita deste trabalho tomamos o conceito de acontecimentos e de didáticas insurgentes como aquilo que se tece no dia a dia da escola, por exemplo, e que gera uma aprendizagem experiencial (SILVA, 2020).

Ancorado neste cenário, pensar no processo de produção de didáticas insurgentes nos fez partir da seguinte pergunta: Como as aprendizagens experienciais da docência em matemática emergem narrativamente dos modos que cada professor habita a profissão docente?

Esse movimento nos faz acreditar que são essas mesmas práticas e saberes desenvolvidos experiencialmente em contextos de valorizar os saberes do educando, que nos possibilitam enquanto professores, tornar-nos protagonistas do processo. Nessa lógica, vamos gerando uma relação dialógica, que prima pelo reconhecimento e alteridades dos estudantes, tecendo, nesse contexto, didáticas insurgentes do cotidiano no ensino de matemática. E é nessa direção, metaforizando a pesquisa a partir das tessituras de didáticas insurgentes, que passamos a analisar como as aprendizagens experienciais da docência em matemática emergem temporalmente a partir de dois tempos: o tempo de aprender e o tempo de produzir experiências.

A escolha feita se justificou por ser esta uma oportunidade de oferecer, aos professores colaboradores, um momento para a reflexão sobre sua prática e expressá-la por meio da narrativa. Foi através da pesquisa narrativa que os participantes tiveram a possibilidade de reviver seus processos formativos vivenciados ao longo de suas trajetórias, mobilizando-os a entender como os saberes emergem das acontecimentos do ensino, ressignificada por experiências que de certa forma determinam a maneira de pensar e se comportar de cada um dos colaboradores.

Percurso metodológico

O movimento de narrar nos possibilitou tomar consciência de nossa experiência. Ao entender isso passamos a tomar a narrativa não como uma narrativa de representação de nós

mesmos, mas a narrativa como elemento de constituição dos saberes e das práticas que são produzidas por nós. É nessa perspectiva que compreendemos a narrativa como um movimento potente de reflexividade formativa que nos possibilitou enredar a nossa própria vida enquanto pesquisadores com os colaboradores-narradores, num processo que se constituiu em abertura e condicionalidade para a ressignificação da vida e da docência.

O estudo ancorou-se na pesquisa qualitativa, que nos ajudou na busca disciplinada de saberes ou compreensões acerca do objeto de estudo desta pesquisa; e na abordagem da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) caracterizada por se tratar de um processo compreensivo/interpretativo das narrativas/experiências dos colaboradores desta pesquisa e os sentidos construídos por cada um deles, considerando a interação entre o pessoal e o social, a partir da continuidade entre o passado, presente e futuro combinados a uma determinada situação. É um estudo da experiência de formação e atuação profissional, a partir do que nos tocou e moveu, tornando-se uma maneira de pensar essa experiência.

Como dispositivo de recolha e informações, inspirados em Silva (2017) realizamos o ateliê reflexivo. Trata-se de um dispositivo que congregou, sincronicamente, todos os colaboradores, de modo a criar uma roda de discussão, a partir de eixos que problematizavam o ensino de matemática e suas acontecências na escola. Por isso durante o desenvolvimento dos ateliês os colaboradores foram provocados por nós, através de questionamentos e ponderações, a produzirem reflexões sobre a sua prática e como esta prática marca a sua trajetória de formação e atuação profissional.

Os ateliês foram desenvolvidos em seis encontros, com um intervalo de duas semanas entre um encontro e outro, durante o segundo semestre de 2021. Os encontros foram realizados de forma *online* por meio da Plataforma *Google Meet*, sempre aos sábados pela manhã, com média de duas horas de duração por encontro. Ressaltamos que com a autorização dos colaboradores da pesquisa, todos os encontros dos ateliês reflexivos foram gravados. Os nomes são fictícios, escolhidos pelos colaboradores em homenagem às escolas de samba do Rio de Janeiro.

Resultados e discussões

A docência é caracterizada e atravessada por diversas situações que impactam diretamente no modo do professor pensar, fazer e agir no ensino. São situações de um cotidiano (CERTEAU, 2009), de um tempo cronológico do estudante que é consumido pelo trabalho, levando o estudante e o professor a problematizarem na escola suas condições e contextos de vida. E o que fazer diante de situações experienciais como essa? Como produzir uma didática insurgente que acolha o estudante em suas necessidades formativas? Tais preocupações, estão na base da reflexividade do Professor Beija-flor, que evocando a ideia de uma pedagogia da paciência e da dialogicidade, assim reflete:

“É necessário ter paciência com o pessoal. Sempre gosto de me colocar no lugar deles. Eu sempre gosto de ver o lado deles. A situação que eles passam. Por exemplo: outro dia eu estava dando aula na turma e a menina disse: professor, eu tinha passado atividade e ela não fez, eu passo o dia todinho trabalhando no restaurante. Eu não tenho tempo de me dedicar como eu queria. E nesse sentido eu pergunto: O que, como professores, podemos fazer, que didáticas usar no cotidiano? Eu gosto sempre de pensar nisso. Uma outra situação: Um aluno que é pedreiro disse: passo o dia todo trabalhando nesse sol de Deus e quando chega a noite fica difícil de acompanhar. E novamente fica a pergunta: E o professor vai fazer o que nessa hora?” (Professor Beija-Flor, ateliê reflexivo, 2021).

A concepção de experiência que se presentifica na narrativa do Professor Beija-Flor reforça a ideia da sensibilidade e da preocupação com o outro, ao tempo em que revela o desafio constante de lidar com situações que estão numa dimensão exofórica do trabalho pedagógico. Tal perspectiva é a prerrogativa basilar para se pensar uma didática que emerja do vivido, do que se tece no cotidiano no ensino de matemática. Mas, ao mesmo tempo, transversaliza tal trabalho na medida em que não se pode deixar a vida fora da escola. A escola não prepara ninguém para a vida, a escola é a vida também (LARROSA, 2018). Ao afirmar que gosta de pensar nessas situações, o Professor Beija-Flor abre-se para conceber uma experiência do acontecimento, das singularidades e de situações que o tocam, que o transformam. Tal perspectiva, de certo modo, tem se presentificado nas narrativas dos professores no ateliê, de modo a perceber que há uma ratificação de experiência como acontecimento singular, mas que também revelam uma ideia de experiência como saber acumulado temporalmente e pelo feito repetitivo.

A ideia de continuar firme e forte na posição de ser professor de matemática que constrói seu saber pedagógico ancorado na experiência temporal cronológica, emerge na narrativa de uma das colaboradoras como modo de produzir as didáticas insurgentes pela abertura ao vivido no cotidiano da escola. A Professora Imperatriz ratifica a ideia de que não é necessariamente por meio do tempo cronológico que o docente produz experiência de ensino. É preciso, segundo a Professora Imperatriz, uma disponibilidade de abertura para não ficar numa direção excêntrica de ensino, acreditando que o conteúdo e que o domínio do saber matemático são plenamente suficientes para habitar à docência. Segundo a referida professora,

“Se você é uma pessoa cabeça dura você pode estar 30 anos na sala de aula você não vai conseguir sair de dentro da caixinha você não vai mudar sua forma de ensino, de construir novas didáticas. Eu acho que não tem a ver com a experiência, mas assim com a questão do ser

professor mesmo independente do tempo. Para uma pessoa que realmente tá correndo atrás de novas formas de ensino às vezes com 3 anos em sala de aula ela já experimentou muito mais do que um professor que tá com 30 anos” (Professora Imperatriz, ateliê reflexivo, 2021).

O ateliê foi um espaço significativo para que os professores pudessem externar num diálogo amplo e reflexivo suas concepções sobre a experiência e como ela dialoga com as didáticas que desenvolvem. Em direção de concordância com as posições da Professora Imperatriz, o Professor Tijuca traz para a cena reflexiva do ateliê as acontecências (SILVA; RIOS, 2018) da sala de aula como elementos centrais para entender que a experiência se constrói nas teias da singularidade e num tempo *kairós*, negando que o tempo cronológico é o que impera na produção de experiências. Em sua reflexão, o Professor Tijuca abre sua posição concebendo o valor de expressões chaves como vivência, sala de aula e professor. Em sua narrativa, assim ele se posiciona:

“A vivência da sala de aula modifica o professor. É preciso que ao longo do tempo o professor se abra para perceber a vivência. Ele pode passar 10 anos como professor; se ele não tem uma abertura inicial para viver; um olhar para o que ele está vivendo, ele não vive a experiência” (Professor Tijuca, ateliê reflexivo, 2021).

Nessa lógica, a experiência é fundamentalmente construída pelo viés da abertura, da condição de viver situações singulares, por meio das quais as aprendizagens experienciais possam ir acontecendo, de modo a revelar o movimento intrarreflexivo que o professor produz, criando para si e para o modo como constrói à docência uma ideia de experiência como acontecimento.

Considerações

A pesquisa evidenciou que há uma clara preocupação dos professores com as condições de aprender dos estudantes, figurando nessa condição a relação professor e estudante e um ensino que esteja articulado ao cotidiano e às necessidades formativas dos alunos.

O contexto deste estudo nos proporcionou a ampliação dos conceitos de habitar a profissão docente, percebendo que nesse habitar está a existência de um ente e de um ser em constante movimento de ebulição, de transformação gerada por uma metamorfose reflexiva

que nos impulsionou o tempo inteiro a pensar sobre as aprendizagens experienciais do professor de matemática e em como intuitiva e operativamente elas acontecem por meio de didáticas insurgentes.

Destarte, esclarecemos o fato de que as aprendizagens experienciais da docência em matemática tecem-se nas micro relações formativas que os professores desenvolvem por habitar a profissão docente no cotidiano escolar, produzindo saberes e experiências do vivido. Ao considerar tal fato é importante destacar que a aprendizagem experiencial do professor de matemática se dá em algumas condições: disponibilidade reflexiva do docente esgarçar-se em suas próprias convicções, transitando do foco no conteúdo matemático para pensar nas várias dimensões em que a experiência da aprendizagem matemática está no que acontece com o sujeito, naquilo que o toca, que o transforma e que modifica sua prática; na abertura para o novo, para arvorar-se, também, na disponibilidade dialógica com os estudantes, numa perspectiva de acolhê-los em suas dificuldades e em suas necessidades formativas; na ideia de que a experiência e o saber são coisas distintas, mas que se relacionam na medida em que a produção do saber constrói-se na experiência com o outro, em que o ensino de matemática não pode passar a largo das histórias de vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes de fazer. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad.: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SILVA, Fabrício Oliveira da. Didática insurgente entre pares: documentação narrativa de experiências pedagógica na docência universitária. **Anais da 40ª Reunião Nacional Anped**. GT. 4 – Didática. ISSN: 2447-2808, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_11_17. Acesso em 15 mar. 2023.

SILVA, Fabrício Oliveira da. **Formação docente no PIBID**: Temporalidades, trajetórias e constituição identitária. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2017.

SILVA, Fabrício Oliveira da; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Aprendizagem experiencial da iniciação à docência no PIBID. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 202–218, 2018. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.13i1.0012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10958>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Fabrício Oliveira da. Perfil Sócio-identitário e Profissional Docente no Ensino

Superior: Implicações na/da Relação Professor e Estudante. **Revista Internacional Educon**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-16, e20011020, 2020.